



São Luís, 04 de agosto de 2025.

Queridos membros do NAHum,

Somos estudantes do Curso de Pedagogia, atualmente no quarto período, e foi por meio das aulas da disciplina Fundamentos e Metodologia da Alfabetização, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Joelma Reis Correia, que tivemos a oportunidade de conhecer mais profundamente sobre o Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum).

Escrevemos esta carta com o coração cheio de reflexões, sentimentos e gratidão. Estudar e vivenciar a proposta da Alfabetização Humanizadora foi, para nós, uma experiência muito significativa. Mais do que ensinar a ler e escrever, essa abordagem nos convida a olhar com empatia para cada criança, compreendendo suas vivências, seus ritmos e suas histórias.

No momento em que aprendemos um pouco mais sobre o NAHum, pudemos entender a necessidade urgente de sermos mais humanos, especialmente quando se trata de crianças e de educação. As crianças precisam ser amadas e as práticas pedagógicas precisam ser mais sensíveis e respeitosas. O amor e o humanismo não deveriam acontecer apenas no espaço familiar, mas também no âmbito educacional.

Para muitas crianças, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade, a escola representa um espaço essencial de proteção e aprendizagem, onde elas têm acesso a direitos básicos e à cultura mais elaborada, cumprindo assim seu papel fundamental na formação humana e cidadã. É justamente por isso que compreendemos a importância de garantir uma escola que enxergue e impulsione seus estudantes, não sob uma perspectiva mecânica, capitalista ou perfeccionista, mas a partir de um olhar humanizador.

As abordagens dos episódios do *podcast* do NAHum foram essenciais para que pudéssemos compreender de forma mais clara como é o trabalho com as crianças a partir da perspectiva da Alfabetização Humanizadora. Antes disso, ainda tínhamos muitas dúvidas sobre como essa perspectiva se concretiza no cotidiano das práticas pedagógicas. A escuta dos *podcasts* também teve um papel importante nesse processo de aprendizado, contribuíram significativamente para ampliar nossa visão e nos fizeram refletir sobre a importância de enxergar cada criança como um ser único, com histórias, ritmos e contextos próprios.

Ficou evidente para nós, a partir dessa experiência de escuta dos *podcasts*, que adotar uma prática mais humana na alfabetização não é apenas necessário, mas urgente. Ao colocarmos o afeto, o respeito e a escuta ativa no centro do processo educativo, promovemos um ambiente mais acolhedor e significativo para o desenvolvimento integral das crianças. Essa abordagem, além de favorecer a aprendizagem, contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes e mais preparados para os desafios da vida. Essa proposta ajuda a transformar a escola em um espaço que acolhe e não em um lugar opressor e reducionista. Neste sentido, o NAHum, por meio dos seus membros, nos inspira, estudantes em formação na Pedagogia, a desenvolver novos núcleos, a problematizar planos nacionais de alfabetização reducionistas e a construir práticas pedagógicas mais afetivas e coerentes com a vida das crianças.

Confessamos que, até então, pouco havíamos refletido sobre os efeitos de uma alfabetização baseada apenas na decodificação mecânica de palavras. Foi impactante perceber que, quando a escola prioriza a técnica em detrimento do sentido, ela pode acabar apagando os contextos e experiências de vida dos alunos. Isso não é apenas uma falha didática, mas uma forma de violência simbólica.

A fala da professora Stela Miller nos marcou profundamente, especialmente quando ela questiona: “De que serve à criança juntar sílabas, se isso não a conecta com o mundo ao seu redor?”. Essa pergunta ecoou em nós. Alfabetizar, compreendemos, não é ensinar códigos, é permitir que a criança se expresse, compreenda, tenha vez e voz. É um ato de humanização.

As contribuições de Dagoberto Buim Arena também ampliaram nossa visão. Nunca havíamos pensado a linguagem escrita como algo visual, híbrido, para além do alfabético. A consciência gráfica nos fez repensar práticas que reproduzem uma visão estreita de linguagem, distante da cultura viva das crianças.

Aprender, afinal, é mais do que decorar conteúdo ou fazer provas. É crescer como pessoa, ser escutado, poder sonhar com um futuro melhor. Quando somos tratados com empatia e respeito em sala de aula, quando os professores se preocupam genuinamente conosco e respeitam nossa cultura, história e experiências, o aprendizado acontece de um jeito diferente. Ganhamos confiança, nos sentimos valorizados e passamos a enxergar a escola como um lugar de transformação, não só dos nossos conhecimentos, mas da nossa própria vida.

Como futuros pedagogos, sabemos que precisamos trabalhar cada vez mais esse lado humano, especialmente em tudo o que envolve o processo de ensinar e aprender. O NAHum nos mostra caminhos possíveis e necessários e nos traz reflexões sobre a importância de nos empenharmos, principalmente no processo de alfabetização.

Queremos fazer a diferença e não apenas reproduzir o que é considerado correto ou eficiente. Esse diferencial muda vidas. É preciso valorizar as crianças. O próprio processo de aprender a ler e escrever não é fácil e nem todos aprendem da mesma forma. É preciso dar sentido e fazer sentido para que se tenha uma aprendizagem de qualidade. Os *podcasts* e os estudos com o NAHum nos trouxeram justamente essa reflexão: a necessidade de sermos, antes de tudo, mais humanos.

Agradecemos de coração por tudo que vocês do NAHum têm feito para tornar a educação mais verdadeira, acolhedora e transformadora. Continuem acreditando em nós, estudantes, educadores, sonhadores. Somos o presente e o futuro. E com uma educação humanizadora, aprendemos a ser melhores não apenas na escola, mas no mundo.

Com carinho e esperança,

Ana Carolina de J.B. Silva

Andrea Pinto Chaves

Jeziel B. Santos

Marcele Joyce Costa Prado

Thaylana de B. Leitão

Vivian C. P. Silva